

REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CORDEL: UM BREVÍSSIMO RECORTE DA PRESENÇA FEMININA NO GÊNERO LITERÁRIO

FEMALE REPRESENTATION IN CORDEL: A VERY BRIEF OVERVIEW OF FEMALE PRESENCE IN THE LITERARY GENRE

Julie Ane Oliveira Silva¹

ORCID: <https://orcid.org/>: ORCID: 0009-0000-1396-910X

Enviado em: 20/02/2025

Aceito em: 23/04/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: O artigo apresenta um breve recorte da presença feminina a partir da análise de cordéis, valendo-se deste tema para refletir sobre o machismo estrutural presente também no referido gênero literário. Aqui é explicitada a resistência feminina, que hoje se constata a partir das escritas e movimentações coletivas de mulheres escritoras de cordel.

Palavras-Chave: Literatura de cordel; Mulheres cordelistas; Memoricídio; Machismo.

Abstract: This article presents a brief overview of the female presence based on the analysis of cordel poetry, using this theme to reflect on the structural male chauvinism also present in the aforementioned literary genre. Here, the female resistance is made explicit, which is currently evident in the writings and collective movements of female cordel writers.

Keywords: Cordel literature; Women cordel writers; Memoricide; Male chauvinism.

Introdução

Esta pesquisa reflete discute sobre a presença feminina no cordel, ponto de partida para refletirmos sobre o machismo estrutural presente também no referido

¹ Instituição (do Mestrado): Escola Superior de Artes Célia Helena – EACH. Especialista/Mestranda. E-mail: contatocomjulie@gmail.com; link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/4144320072591468>; ORCID: 0009-0000-1396-910X.

gênero literário. À guisa de antecipação dessas discussões, trazemos os seguintes versos:

Contam que há muito tempo
Junto ao fogo e seu calor
Mulheres se reuniam
Para falar de amor
Aventuras, e desejos
Sem nenhum medo ou temor.

O fogo que iluminava
Cada história preciosa
Mais tarde nos queimaria
Numa história assombrosa
Nosso saber, nossa voz
Queriam silenciosa.

Uma história comprida
Que depois, vou lhes contar
Porém, hoje a resistência
Quero lhes apresentar
Mostrando a voz daquelas
Que já quiseram calar. (Oliveira, 2023. No prelo.)

Com este preâmbulo em versos ainda não publicados, apenas declamados, remeto minha elaboração a Paul Zumthor, referência importante para o fluxo de minha pesquisa. Assim procedemos em razão de o medievalista, a partir de suas perspectivas teóricas e reflexões acerca dos estudos do campo da oralidade, ter aberto nosso entendimento em relação à possibilidade de perceber e estudar a literatura de cordel como fruto de uma transição da cultura oral para a mundo da escrita. Ou seja: especialmente nas suas investigações sobre a literatura medieval europeia através de conceitos como performance e vocalidade (Cf. Zumthor, 2018), o pesquisador suíço nos levou a perceber o cordel como uma literatura de vozes transcritas.

Nas investigações contemporâneas sobre o gênero, hoje considerado literatura, gênero textual e Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil (Cf. Brasil/Iphan, 2018), vemos que a grande movimentação das mulheres deve ser mencionada e louvada na

literatura de cordel brasileira, apesar do apagamento histórico, o memoricídio (morte da memória), que também vivenciamos neste campo.

Dado significativo que comprova o que afirmamos é o índice alarmante que apresentou uma pesquisa desenvolvida Pela professora doutora da UnB, Regina Dalcastagnè (Cf. Dalcastagnè, 2005). Para tanto, ela e sua equipe analisaram 258 obras: 123 (47,7%) foram publicados pela Record, 76 (29,5%) pela Companhia das Letras e 59 (22,9%) pela Rocco. Com os dados que obteve com seu trabalho, ela constatou a baixa participação feminina se comparada à masculina no romance brasileiro contemporâneo, tanto em relação em relação à representação (personagem), quanto no que diz respeito à produção (escritor), tendo em vista que concluiu que 70% dos livros publicados por importantes casas editoriais brasileiras foram escritos por homens. Na pesquisa, também se apresentam dados afirmando que 90% das obras foram escritas por pessoas brancas, e que, destas, pelo menos a metade é originária do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Portanto, falar de cordel feminino e publicação feminina, especialmente nordestina, é certamente falar de uma revolução e de resistência, como bem diz e nos relembra sempre a cordelista sergipana Izabel Nascimento: “ser uma mulher cordelista é ser de forma atemporal, uma resistência dentro da resistência.” (Cf. Nascimento, *on-line*, 2020)

Nas últimas décadas, felizmente, o brado das mulheres resiste e ecoa, e isto podemos comprovar quando observamos, por exemplo, mulheres pesquisadoras como a professora Dra. Francisca Pereira dos Santos, a Fanka, da Universidade Regional do Cariri – URCA, que, em sua obra *O livro delas – catalogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina* (Cf. Santos, 2023), registra numa publicação de fôlego uma pesquisa em que apresenta duas décadas de investigação da escrita feminina no cordel, fazendo assim uma revisão necessária da historiografia literária que continua ignorando essas autoras e obras. Como a própria pesquisadora afirma:

Ao longo desses 20 anos de investigação sobre o tema, construí as bases para uma nova historiografia para o campo do cordel, pois, se a história convencional ensina que as mulheres não atuavam nesse campo, esse percurso da pesquisa

mostra justamente o contrário: as mulheres sempre existiram como produtoras de uma poética da voz e quando emergiu o sistema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino. (Santos, *apud* Fonseca, 2019, p. 86)

1. Representação Feminina no Cordel sob o Olhar Masculino

É extensa a literatura popular que aborda a mulher. Tal abordagem traz, em seu bojo, uma gama de valores ideológicos, que reproduzem ainda basicamente preconceitos machistas da sociedade, apesar da grande inserção de mulheres escritoras/cordelistas na área, que tem fortemente combatido esta situação histórica. A visão da mulher inferiorizada e outras nuances, se aprofunda no Nordeste, onde a figura do patriarca (o pai da família, o coronel, o fazendeiro) ainda se mantém de forma atuante, identificando, assim, a mulher como apta à maternidade e aos afazeres domésticos.

A mulher constitui, indubitavelmente, um dos temas mais abordado na literatura de cordel, sendo representada de múltiplas formas: ora ingênua, ora astuta, ora pura, ora lasciva, etc. Às vezes, mãe perfeita e esposa fiel; noutras, solteirona despeitada. Às vezes fogosa e sensível; noutras, assexuada e interesseira.

Nesse pormenor, o cordel intitulado *Homem gosta de mulher, mulher gosta de dinheiro*, de José da Costa Leite (Cf. Leite, 1997), é um exemplo claro deste último caso. Já Rodolfo Coelho Cavalcante, em *O marido que trocou a mulher por uma TV a cores* (Ver Cavalcante, *on-line*, 2025), cordel no qual o sexo feminino é reificado de forma escandalosa.

Outro exemplo que convém trazer aqui é o folheto intitulado *Mulher é como café, quanto mais quente melhor*, no qual José Costa Leite enfatiza o papel de machão viril e da mulher objeto de prazer sexual masculino, além de interesseira:

Mulher quente e sacudida
Toma dinheiro da gente
Se o cabra estiver “quente”
E beijar ela em seguida

Arrisca até sua vida
Querendo ser o maior
Derrama sangue e suor
De frio só quer picolé
Mulher é como café
Quanto mais quente melhor. (Leite, 1983, p. 1)

O discurso moralista e conservador, que traz como pano de fundo o medo da infidelidade conjugal, em decorrência da emancipação feminina, é visto no folheto *O resto do século XX com seus acontecimentos*, de José Caetano da Silva. Vejamos a crítica severa contra a liberação:

O mulheril vive solto
Não se respeita ninguém
Bebe, dança, briga e joga
E não quer saber com quem
Mulher sincera e honesta
D'um milhão se tira cem. (Silva, 1990, p. 2)

No texto acima, como em tantos outros, a mulher é tida como a maior culpada pela situação de miséria e corrupção dos costumes, devido a ser a primeira a aderir às modas escandalosas da época. Tais críticas estão intimamente ligadas à sexualidade feminina. O já citado José Costa Leite, em *O fim do mundo presente*, faz crítica à mulher, repudiando as “desdonzeladas”, em versos, que valorizam a virgindade:

Hoje em dia, em toda parte
Existe moça falada
Moça que já deu à luz
Moça que vive amigada
Moça atrás de um xodó
Moça que dança forró
E moça que não é mais nada. (Leite, 1985, p. 2)

Já no título *Não é crime nem pecado marido enganar mulher*, o autor defende a fidelidade feminina, usando da figura macabra do diabo, para intimidar as que pretendem cometer o adultério ou encher de culpa as que já cometeram. Os versos dizem:

Mulher que engana marido
Morrendo diabo carrega
No seu caixão ninguém pega
É assunto discutido. (Leite, 1984, p. 4)

Quando fala em relação ao homem, o autor usa de seu machismo escrachado, defendendo o direito do mesmo à infidelidade conjugal. Vejamos:

Porém, o homem sabido
Namora quanto bem quer
E beija às vezes que quiser
Que por Deus é perdoado
Não é crime nem pecado
Marido enganar mulher. (Leite, 1984, p. 5)

Já Leandro Gomes de Barros, poeta considerado “o pai” da literatura de cordel, no folheto *As cousas mudadas*, reforça o machismo, condenando o trabalho feminino fora de casa, e a realização de tarefas domésticas pelos homens “de hoje”:

Os homens de hoje só querem
Mulher para trabalhar
A mulher da casa é ele
Faz tudo que ela ordenar
Para ser ama de leite
Só falta dar de mamar. (Barros, *on-line*, s.d.)

Além de criticar a participação da mulher no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no sustento da casa, o poeta popular tenta resgatar o elo perdido entre a mulher e o lar, exaltando a figura materna, que, na sua concepção, é a rainha do lar. O modelo de mãe, aliás, é o de Maria, mãe de Jesus, ou seja: pura e sofredora, porém resignada e paciente. Sobre essa questão, vejamos os versos de Aldenor Sebastião Alves, em *As mães merecem um país de ouro, por serem mães da humanidade*:

Mãe é um brinde de ouro
No céu da eternidade
É chuva que cai na terra

É nuvem na imensidade
É cara igualmente ouro
É cheia de humanidade. (Alves, 1977, p. 1)

Já aquelas que não tiveram a sorte de casar e reproduzir, as famosas vitalinas, recebem críticas cruéis dos poetas. São tidas como malucas, nervosas, desesperadas, feias, etc.

João Amaro, em seu folheto *As preces de uma velha vitalina*, mostra, em tom sarcástico, o sofrimento de uma mulher de sessenta anos, que, ajoelhada aos pés de um altar, pede a todos os santos a graça de encontrar um marido:

Arranje um homem pra mim
Ó meu Santo Nicolau
Eu te peço só porque
Toda noite eu passo mal
Quero um homem embora eu coma
Só feijão com água e sal. (Amaro, *on-line*, s.d.)

O tema do folheto, em quase todos os versos, revela o preconceito existente contra as mulheres solteiras, no que tange à sexualidade. Sabe-se que ainda é comum, infelizmente, no meio popular, atribuir-se a qualquer moça solteira, que tenha ataques histéricos, a falta de realização sexual como causa primeira dos mesmos. O remédio para tais casos seria o aparecimento do macho que, com sua virilidade, resolveria os problemas delas. Esse homem, porém, teria que realizar tal ato somente após o casamento católico, já que este é o pedido que as vitalinas fazem aos santos, principalmente a Santo Antônio. No caso deste folheto de João Amaro, a pobre mulher chega à beira do desespero, implorando ao santo casamenteiro:

Só tu sabes Santo Antônio
O quanto vivo sofrendo
Se eu não ganhar um homem
Eu acabo enlouquecendo
Quando a noite vem chegando
Fico toda me tremendo. (Amaro, *on-line*, s.d., p. 5)

Nota-se que não se fala na afetividade, nem na vida cotidiana a dois. Na compreensão do poeta, o que a vitalina deseja é pura e simplesmente o contato sexual. Percebe-se, também, que, na satisfação do desejo da mulher, só a mesma será beneficiada, já que irá desencalhar. As únicas vantagens do pretendente seriam desvirginar uma donzela e, quem sabe, viver à custa dela.

Para realizar tal sonho das vitalinas, qualquer um poderia candidatar-se, já que o desespero delas não as deixa em condição de rejeitar, mesmo o último dos homens. Vejamos na estrofe:

O nome não me interessa
Pode ser Chico ou Raimundo
Não importa que trabalhe
Ou que seja vagabundo
Sendo homem pode ser
O cabra pior do mundo. (Amaro, *on-line*, s.d., p. 4)

Do mesmo João Amaro (JOTAMARO), temos o cordel de título *Basta de violência contra a mulher*, de 1983, no qual podemos constatar um flagrante do poeta, o que facilita a nossa compreensão sobre consciência fragmentada do poeta popular, cheia de contradições, fartas do meio em que vive.

No livreto, apesar de denunciar os crimes sexuais e assédios de inescrupulosos, além do assassinato de mulheres, os versos não deixam de ter um tom paternalista/heroico. Vejamos um trecho da primeira estrofe:

As mulheres cearenses
Precisam de proteção
Precisam de mais apoio
Das leis da nossa união. (Amaro, 1983, p. 1)

Na denúncia da falta de apoio da justiça, nos casos de violência contra a mulher, o poeta popular levanta as culpas individuais, não conseguindo ligar a violência contra o sexo feminino a questões mais amplas, de nível socioeconômico-político, nem aponta a solução desta problemática, de forma mais global. Trata do fato como se essa

violência pudesse ser resolvida sem a superação de problemas estruturais da realidade brasileira.

Embora afirme que as mulheres um dia alcançarão a vitória, o poeta permanece na sua visão fragmentada, colocando que:

Estou certo que as mulheres
Alcançarão a vitória
Cujo feito ficará
Nos anais da nossa história
E o mérito cabe a elas
Com justiça, honra e glória. (Amaro, 1983, p. 4)

Vemos assim que não há uma compreensão da possibilidade de uma ação conjunta entre homens e mulheres, que, com uma proposta política mais geral, tentariam resolver o problema da violência social, que não é somente contra a mulher. O mesmo não consegue compreender que a raiz da violência está na forma como a sociedade está organizada, enquanto sistema.

Nos últimos versos do folheto, aliás, o poeta afirma que se fosse presidente, resolveria a questão da violência em um ano, reforçando assim o individualismo no encaminhamento de questões de tomada de decisões por parte de autoridades, verdade constante de sua experiência empírica. Seu modo de compreender o mundo, no entanto, o impede de vislumbrar algum horizonte, onde, numa nova realidade, os homens tomariam atitudes em comum.

2. Muito mais que Musas: Cordelistas e Cantadoras!

Apesar de todo o cenário brevemente apresentado, o cordel nos dias atuais, tem uma forte presença feminina para além das temáticas, mas em sua composição, isto é, há muitas mulheres como escritoras desta literatura. É importante reforçar que a existência de mulheres cordelistas não é algo tão recente como se pensa, haja vista registros datados de 1938, data que possivelmente publicou a primeira mulher cordelista, Maria das Neves Batista, conforme nos relata o pesquisador Assis Ângelo:

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

O genial cantador Sebastião Marinho era adolescente quando, pela primeira vez, cantou com a mais famosa repentista. Ele tinha 13, 14 anos, e ela bem mais. Otilia Soares foi a poeta repentista que passou o bastão de "rainha" para Mocinha de Passira, a única que vive até hoje da profissão; de poeta repentista. Otilia publicou cordel e Mocinha também. E o ponto é este: mulher atuando no campo masculino do Cordelismo. A primeira delas foi Maria das Neves Batista. Maria das Neves era Nevinha, filha de Francisco das Chagas Batista, paraibano do século 19. Sua filha Nevinha entra para a história do Cordelismo a partir do momento que publica seu primeiro cordel: *O Violino do Diabo* ou *o Preço da Honestidade*, sob o pseudônimo de Altino Alagoano, em 1938. (Ângelo, *on-line*, 2017)

Essa forte representatividade feminina atual, certamente é um ponto que apresenta outros vieses e expande reflexões sobre o feminino como gênero, além de estabelecer uma militância feminista dentro do cordel, anteriormente um espaço de voz e visibilidade apenas masculina. Prova disto são os diversos movimentos existentes, bem como, o pensamento expresso na produção de mulheres como a cordelista sergipana Izabel Nascimento afirma no cordel *O machismo assassina todo dia*:

É preciso banir os preconceitos
Respeitar o chão que a mulher percorre
Pois a estrela de uma mulher que morre
Deixa escuro o céu dos nossos direitos
Pra que o mundo transforme os seus conceitos
Venho abrir a caixa da rebeldia
De mulher, de respeito e poesia
Este mundo está tornando aquém
Feminismo nunca matou ninguém
O machismo assassina todo dia. (Nascimento, 2016, p. 3)

A exemplo dos movimentos femininos no cordel, podemos citar a Rede Mnemosine de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e Repentistas, que surgiu a partir de estudos de ações realizadas pela cordelista cearense Josy Maria, na fundação de sua Cia. de Artes (Cia. Catirina e núcleo literário Ateliê da Palavra) em 2002, motivada por pesquisas de tradição popular brasileira e latino-americanas. A cordelista e também pesquisadora, empreendeu viagens à eventos de oralidade no Brasil e América Latina, carregando sempre a tira colo uma maleta de folhetos para exposição e venda nos

eventos que participava, assim em 2007, teve um contato direto, e pesquisas iniciais com as primeiras mulheres cordelistas, através da professora Dra. Fanka Santos e Josenir Lacerda no Cariri cearense, mesmo ano em que visitou a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, na capital carioca.

Vale salientar, que a pesquisa de Fanka Santos teve início no ano de 1997, e em 2013 obteve como resultado e produto final a publicação de um livro-catálogo das Mulheres Cordelistas do Brasil, registrando mais de 900 folhetos e 330 mulheres cordelistas desde o final do século XIX, sendo o principal estudo do gênero no Brasil e no mundo.

Cabe-nos ainda citar, outras estrofes de cordéis femininos que corroboram com essa visão da mulher contemporânea e ciente do seu papel, como nos versos do texto *Mulher de Luta e História*, escrito pela autora desta pesquisa:

Nossa luta é secular
A história registrou
Violência e opressão
Sempre a mulher enfrentou.
Superando desafios
Contra o machismo lutou.

Porém, apesar das leis
E do que foi conquistado
Ainda é muito forte
A voz do patriarcado
Preconceito e violência
Ainda nos tem atacado.

Por isso, é necessário:
Reflexão, resistência
União, sabedoria
Para propor consciência
Para que toda a mulher
Seja livre da violência.

Seja livre do julgo
Do assédio, maldizer
Que o tamanho da saia
Seja o que ela quiser
E haja somente amor

Para ofertar a mulher. (Oliveira, 2016, p. 8)

Dessa forma, apresentamos um breve panorama da presença de mulher no cordel do “passado”, com uma visão apenas de subserviência e em geral como parte das temáticas, e sua marcante expressão na atualidade com suas falas e reflexões próprias, organizações coletivas, denunciando uma realidade social, anunciando perspectivas de vida. São educadoras, advogadas, artistas, pesquisadoras, dramaturgas, donas de casa, que, se utilizam dessa forma de manifestação da nossa cultura, deixam fluir sua poética e através dela demonstram seus sentimentos, aspirações e visões de mundo, consolidando uma identidade autoral, ativista e demarcando seus espaços na literatura de cordel.

Considerações Finais

Pesquisas como a de Fanka, Márcia Abreu, Bruna Lucena, Doralice Queiroz, e movimentações como a do histórico Movimento Nacional de Mulheres Cordelistas Contra o Machismo, movimento que eclodiu em julho de 2020, (que orgulhosamente faço parte como fundadora), apontando o machismo estrutural do cordel e criando mecanismos de educação contra essa e outras mazelas –, são ações que nos ajudam na compreensão de como se deu o silenciamento e a opressão nesta literatura, e de que modo essas violências construíram campos de exclusão para as mulheres que ainda perduram até os dias atuais, mesmo que de forma velada.

Quando mulheres se reúnem coletivamente, como temos nos reunido em diversas frentes, algo muito poderoso acontece, e está acontecendo: rompemos com uma lógica de marginalização e colocamos nossas produções no centro da história, manifestando tudo aquilo que queremos, e também, nossas rebeldias, a resistência e a nossa força, pois, como costume dizer em um dos meus cordéis “sou a mulher que escreve / que com a caneta se atreve / fazer uma revolução”, e esta revolução, está acontecendo, e não é de hoje, porém, é na atualidade que vemos a pulsação mais

intensa dessa luta, dessa semente que fora plantada há tantos séculos em cada uma. Semente esta, que a paraibana Maria das Neves Batista Pimentel plantou em 1938, quando numa época ainda de maior opressão publicou o que se acredita ser a primeira obra feminina em cordel no país, por isso, o título de “primeira cordelista mulher”, o que inclusive, vale ressaltar, se deu sob o pseudônimo de Altino Alagoano, nome do esposo, visto que, dadas às questões da época era o que lhe parecia possível e mais adequado. No entanto, a cada dia essa historiografia renova-se e vemos nomes de outras mulheres saírem do limbo da história, como recentemente, acessei uma recolha de versos de outra Maria, a Maria de Souza Oliveira, com versos que se destacavam em um jornal de 1930, que possivelmente teria vivido em Caetité na Bahia, e que ainda sabemos tão pouco sobre. Diante disso, me pergunto quantas Marias ainda iremos descobrir? Me pergunto e ao mesmo tempo respondo que: inúmeras!

Hoje, no nosso Cordel de Mulher, coletivo e selo editorial fundado por mim em junho de 2020, temos trabalhando incessantemente na propulsão das obras de mulheres cordelistas, xilogravadoras, e apologistas, seja através de publicações, assessorias editoriais/culturais e pela realização de eventos agregando artistas de todo o país e do exterior, sempre em parceria com companheiras do segmento, como o Movimento Cordel Sem Machismo já mencionado, a Casa do Cordel Mulheres Cordelistas (Petrolina-PE), e aliadas também a Rede Mnemosine de Mulheres Cordelistas, Cantadoras e Repentistas, que desenvolve atualmente atividades também em Lisboa, França e outros países da Europa.

Como escritora, editora desta literatura, pesquisadora orgânica, ativista do cordel feminino, e leitora das companheiras do passado e do presente, acredito que contribuir com uma nova historiografia do segmento é um caminho frutífero para que ampliemos as discussões sobre o tema, e que para isto, também é necessário um exercício de memória, de análise, deparando-nos com a visão, ainda que do passado, apresentada pelos autores de cordel sobre o “ser mulher”, como será feito nas páginas a seguir. Creio que desse ponto de partida, caminharemos para a investigação das nuances da participação feminina no meio cordelístico – muito ativa e corajosa, por

sinal – e nos aproximaremos de suas produções e estratégias de transformação desse cenário ainda tão violento e preconceituoso.

Referências

ALVES, Aldenor Sebastião. *As mães merecem um país de ouro, por serem mães da humanidade*. [S. l]. s.n., 1977.

AMARO, João. *As preces de uma velha vitalina*. [S. l]. s.n., 1982. Versão eletrônica do texto [on-line, s.d.] disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqhbjhA3OuA>. Acesso em: 10 jun. 2025.

AMARO, João. *Basta de violência contra a mulher*. [S. l]. s.n., 1983.

ÂNGELO, Assis. A mulher na literatura de cordel. In: *Blog do Assis Ângelo*, 06/03/2013. On-line, 2013. disponível em: <https://assisangelo.blogspot.com/2017/03/a-mulher-na-literatura-de-cordel.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BARROS, Leandro Gomes de. *As cousas mudadas*. [S. l]. s.n., 1907. Versão eletrônica do texto [on-line, s.d.] disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/handle/20.500.11997/1844/As%20cousas%20Mudadas.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL/IPHAN. *Literatura de cordel: dossiê de registro*. Brasília, DF: MINC/IPHAN/CNFCP, 2018.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O marido que trocou a mulher por uma TV a cores*. [S. l]. s.n., 1973. Versão eletrônica do texto [on-line, s.d.] disponível em: <https://app.docvirt.com/cordelfcbr/pageid/49760>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem no romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, nº 26, p. 13- 71, jul./dez. 2005.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho. *Novelo de verso: fios de memória, tradição e performance tecendo a poesia de cordel*. Tese de Doutorado em Comunicação Social. Belo Horizonte: UFMG/Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 2019.

LEITE, José Costa. *Homem gosta de mulher, mulher gosta de dinheiro*. [S. l]. s.n., 1997.

LEITE, José Costa. *Mulher é como café, quanto mais quente melhor*. Condado, PE: Coqueiro, 1983.

LEITE, José Costa. *Não é crime nem pecado marido enganar mulher*. [S. l]. s.n., 1984.

LEITE, José Costa. *O fim do mundo presente*. Condado, PE: Coqueiro, 1985.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

NASCIMENTO, Izabel. *O machismo assassina todo dia*. [S. l]. s.n., 2016.

NASCIMENTO, Izabel. *A magia do cordel é algo marcante e presente na memória afetiva*: entrevista ao portal *Jornal da Cidade.Net*. On-line, 20/07/2020. Disponível em: <https://www.jornaldacidade.net/cultura/2020/07/318611/izabel-nascimento-a-magia-do-cordel-e-algo-marcante-e-pres.html#:~:text=Aprendemos%20a%20enxergar%20nossos%20caminhos,uma%20resist%C3%Aancia%20dentro%20da%20resist%C3%Aancia>. Acesso em: 15 jun. 2025.

OLIVEIRA, Julie. *Mulher de luta e história*. Fortaleza-CE: Rouxinol do Rinaré, 2016.

OLIVEIRA, Julie. *Das fogueiras ao fogo das palavras*: mulheres, resistência e literatura. No prelo. Versão eletrônica do texto disponível em: <https://blogdoeliomar.com/a-bienal-mudou-a-minha-vida-por-mirelle-costa/>.

SANTOS, Francisca Pereira dos (Fanka). *O livro delas*: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina. Fortaleza: IMEPH, 2023.

SILVA, José Caetano da. *O resto do século XX com seus acontecimentos*. [S. l]. s.n., 1990.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.